

Proposta de Elementos para Diagnóstico da Síndrome do Ostracismo com Base Paragenética na Personalidade Autocrata

Proposal of Elements to Diagnose the Ostracism Syndrome with Paragenetic Bases in the Autocratic Personality

Propuesta de Elementos para el Diagnóstico del Síndrome de Ostracismo con Base Paragenética en la Personalidad Autócrata

Maximiliano Haymann*

* Mestre em Ciências em Engenharia Biomédica. Coordenador Geral da Associação Internacional Editares.
maximilianoth@gmail.com

Palavras-chave

Autocracia
Ostracismo
Parapatologia
Parasemiologia
Poder
Síndrome

Keywords

Autocracy
Ostracism
Parapathology
Parasemiology
Power
Syndrome

Palabras-clave

Autocracia
Ostracismo
Parapatología
Parasemiología
Poder
Síndrome

Resumo:

Neste artigo propõem-se elementos para o diagnóstico da *síndrome do ostracismo* paragenética na personalidade autocrata. São analisados os mecanismos que movem as conscins em direção à busca do poder. Em seguida, procura-se elucidar como o poder absoluto, sem limites, do autocrata pode lhe trazer prejuízos evolutivos, e enfocam-se as auto e heterorrepercussões do mau uso desse poder. Na seqüência, são propostos sinais e sintomas das personalidades autocratas e das conscins sindromáticas, discutindo-se a comorbidade. No mesmo item são colocados em pauta possíveis fatores dificultadores para o autodiagnóstico. No tópico *Autocura*, são propostos os passos seguintes para a conscin autopesquisadora chegar à remissão desta parapatologia.

Abstract:

The article proposes elements to diagnose the paragenetic Ostracism Syndrome in the autocratic personality. First, mechanisms that make intraphysical consciousnesses move towards power are analyzed. Then the study seeks to understand how the unlimited absolute power of the autocrat may cause evolutionary losses for him or her. The self- and hetero-repercussions of the improper use of this power are also analyzed. After, discussing the comorbidity, the article presents signs and symptoms of autocratic personalities and intraphysical consciousnesses diagnosed with the syndrome herein proposed. In the same item, self-diagnosis limiting factors are also discussed. In the topic *Self-cure*, steps are suggested as to the remission of the parapathology by the self-researcher intraphysical consciousness.

Resumen:

En este artículo se proponen elementos para el diagnóstico del *síndrome de ostracismo* paragenética en la personalidad autócrata. Son analizados los mecanismos que mueven las conscins en dirección a la búsqueda de poder. En seguida, se procura elucidar como el poder absoluto sin límites del autócrata puede traerle perjuicios evolutivos y se enfoca las auto y heterorepercusiones del mal uso de este poder. En la secuencia, son propuestos señales y síntomas de las personalidades autócratas y de las conscins sindromáticas, discutiéndose

la comorbidad. En el mismo ítem son colocados en pauta posibles factores dificultadores para el autodiagnóstico. En el tópico *Autocura*, son propuestos los pasos siguientes para la concén autoinvestigadora llegar a la remisión de la parapatología.

INTRODUÇÃO

Objetivo. O principal objetivo deste trabalho é a proposição de elementos para o auto e heterodiagnóstico da *síndrome do ostracismo (SO)* paragenética incidente nas personalidades autocratas. Ao longo do texto também se pretende colocar em discussão os mecanismos e as características principais da parapatologia em questão.

Metodologia. A metodologia para a realização da pesquisa foi a avaliação crítica biográfica de personalidades detentoras de poder temporal, a auto e a heteroconscienciometria com enfoque nas motivações, mecanismos e traços autocratas e na sintomatologia da *SO*.

Fontes. A pesquisa concentrou-se em três fontes principais: biografias de líderes políticos e religiosos; auto e heteropesquisa, principalmente de conscins do grupocarma familiar e da Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional (CCCI).

Biografias. Foram avaliadas 48 biografias e microbiografias de líderes políticos e religiosos registrados na história, homens e mulheres, desde o período do Império Romano até a 2ª Guerra Mundial. Nessa etapa enfocaram-se as motivações, mecanismos e traços das manifestações autocratas dessas personalidades.

Pessoal. A autopesquisa tornou-se fonte de pesquisa devido a este autor admitir, a partir da auto e heterocrítica, no atual momento evolutivo, possuir tanto traços de autocracia quanto sintomas da síndrome do ostracismo, apesar de não ter exercido qualquer tipo de poder humano maior nesta vida.

Grupocarma. O enriquecimento da pesquisa foi possível devido ao *princípio conscienciológico* da atração entre os afins e conseqüente possibilidade de convívio do autor com personalidades similares (musas científicas). Dessa maneira, a partir da heteroconscienciometria, foram analisadas e coletados dados sobre o comportamento de 4 personalidades do grupocarma familiar e outras 5 conscins da CCCI com sintomas da *SO*, além de mais de uma dezena de outras com sintomas de autocracia.

Definição. Segundo Vieira (2007, p. 1.962), “a *síndrome do ostracismo* é a condição da perda de algum tipo de poder humano e conseqüente desterro político, exclusão social, falência econômica, invisibilidade artística ou destituição científica”.

Personalidades. Para o entendimento da *SO*, vale ressaltar que determinadas ocupações de liderança e de maior exposição pública podem predispor a conscin à síndrome. Eis, a título de exemplo, 5 grupos de personalidades notórias, detentoras de algum nível de poder *temporal*, mais sujeitas a serem acometidas pela *SO*, nesta ou na próxima vida humana, expostos na ordem alfabética do tema:

1. **Aristocracia:** monarcas, príncipes, nobres, *socialites* e outros indivíduos da aristocracia e das classes dominantes.
2. **Artistas:** atores, atrizes, cantores, pintores, modelos, entre outros.
3. **Executivos:** CEOs (*chief executive officers*), diretores e demais ocupantes de altos cargos em grandes corporações.
4. **Políticos:** presidentes, ministros de estado, governadores e demais políticos do alto escalão.
5. **Religiosos:** papas, bispos, pastores e líderes religiosos em geral.

Universo. Desse modo, o universo da incidência da *SO* é tão extenso quanto as áreas da experiência humana nas quais a consciin lide com o poder, a fama e o reconhecimento público. Eis, a título de exemplo, 6 variantes do universo da *SO*, na ordem alfabética do tema:

1. *SO na Arte.*
2. *SO na Ciência.*
3. *SO na Conscienciocentrolgia.*
4. *SO no Esporte.*
5. *SO na Politicologia.*
6. *SO na Religião.*

Taxologia. Sob a ótica da *Seriexologia*, a *SO* pode ser classificada em duas categorias:

1. **Genética:** quando a ascensão, a queda do poder e os efeitos da síndrome ocorreram no período da mesma vida humana.
2. **Paragenética:** neste caso, a ascensão, a queda do poder e os efeitos da síndrome podem transpassar o período de uma vida humana (VIEIRA, 2007).

Hipótese. A hipótese da origem paragenética da *SO* para os casos estudados foi assumida considerando-se o fato de que o autor, as personalidades do grupocarma familiar e os integrantes da CCCI pesquisados não tenham exercido poder temporal nesta vida humana.

Politicologia. Quando, por exemplo, a *síndrome do ostracismo* paragenética da personalidade autocrata se inclui no universo da *Politicologia*, enfoque principal desta pesquisa, a consciin que deteve o poder político em vida humana pregressa se mostra, na atual existência, mesmo inconscientemente, inadaptada e inconformada com a condição pessoal de anonimato e mediocridade, apresentando o conjunto de sinais e sintomas característicos da síndrome, por vezes desde a infância.

MOTIVAÇÕES SUBCEREBRAIS

Motivações. A consciin com a *SO* paragenética ainda está ávida pelo poder e possui objetivos pessoais muito egocêntricos, sendo ainda movida pelos instintos, ao modo do animal subumano.

Definição. O *poder temporal* é a faculdade ou condição da consciin com possibilidade de conduzir, decidir e atuar sobre assuntos de interesse individual ou coletivo, restritos à intrafísicalidade e ao espaço-tempo humano, sendo em si *neutro* perante a Cosmoética e a evolução.

Etimologia. O termo *poder* vem do idioma Latim, *possum, potes, potui*, “posse, poder, força, ser capaz de”. Surgiu no Século XIII. O vocábulo *temporal* igualmente provém do idioma Latim, *temporalis*, “relativo a tempo, passageiro, mundano”. Também apareceu no Século XIII.

Sinonímia: 1. Poder humano. 2. Poder intrafísico. 3. Poder transitório. 4. Poder político. 5. Força. 6. Autoridade.

Antonímia: 1. Poder consciencial. 2. Poder espiritual. 3. Poder extrafísico. 4. Fraqueza. 5. Submissão.

Razões. Com base na *Etologia*, as lutas por posições de poder e supremacia já podem ser observadas nos animais subumanos de mesma espécie, e não raro o resultado das contendidas é a dessoria do indivíduo mais fraco. Eis, no reino subumano, as duas principais razões para o desencadeamento de conflitos dessa natureza:

1. **Territorialidade.** Estabelecimento, demarcação e defesa de direitos territoriais, ocorrendo principalmente durante os rituais de acasalamento com o intuito de estruturar ambiente sem distúrbios e com alimentação suficiente para a cria.

2. **Hierarquia.** Conquista de posição de domínio na hierarquia social, possibilitando afetar ou definir o comportamento alimentar, sexual e reprodutivo do grupo.

Competição. No processo de competição hierárquica, o indivíduo dominante se impõe sobre o grupo com a superioridade da força física, restando aos mais fracos aplicarem outras estratégias para sobreviver na comunidade. Por exemplo, no caso dos símios, as fêmeas assumem posturas infantis e os machos subordinados adotam posição sexual feminina, de modo a apaziguar o instinto agressivo do líder (MORRIS, 1975, p. 151).

Aceitação. Tal qual os subumanos, as conscins acabam por aceitar o poder coercitivo de outro indivíduo, ou para evitar possível mal à constituição física pessoal, ou para receber alguma recompensa.

Complexidade. Ao alcançar o nível hominal, a consciência, já ostentando mentalsoma mais desenvolvido, é capaz de desenvolver métodos mais complexos para a conquista do poder. Todavia, a manutenção de tal foco de interesse implica necessariamente que a base da manifestação consciencial ainda é instintiva e irracional.

Regressão. Ao ter em vista o poder intrafísico a qualquer preço e o domínio sobre os demais, a conscin se deixa guiar pelo instinto de autopreservação, retroage e volta, na prática, à condição de animal subumano.

Cosmoética. Perante a *Cosmoética*, devido à intencionalidade patológica calcada no egoísmo pessoal, a conscin, homem ou mulher, não procura dominar o próprio corpo humano e as predisposições genéticas, mesmo quando já possui os atributos necessários para isso.

Motivações. Nem tão diferente dos animais subumanos em essência, porém muitas vezes mascarados e com roupagem social digna, as conscins apresentam ampla gama de motivações para a busca do poder e as condições por ele proporcionadas. Eis 10 exemplos, na ordem alfabética do tema:

01. **Conforto.** Acesso a maior conforto, luxo e ambientes exclusivos (*salas vip*).
02. **Controle.** Posse de meios para poder controlar e dirigir as ações das pessoas da maneira desejada.
03. **Desejos.** Atendimento dos desejos e caprichos pessoais.
04. **Estima.** Enaltecimento do ego e insuflamento da auto-estima baseada no referencial externo.
05. **Pessoas.** Ter influência e conhecer pessoas também poderosas e famosas.
06. **Privilégios.** Desfrute de vantagens, privilégios e prerrogativas das minorias.
07. **Reconhecimento.** Obtenção de reconhecimento público, admiração e inveja do grupo de convívio.
08. **Santidade.** Ser imortalizado na condição de santo, mártir ou mito.
09. **Sexo.** Ampliação das possibilidades sexuais.
10. **Vontade.** Alcance de condições para fazer prevalecer a vontade pessoal nas injunções da vida humana.

O PODER E OS LIMITES SOCIAIS

Limites. Ao serem observados em conjunto fatores históricos, sociais, culturais e religiosos, é possível distinguir enorme variedade de agrupamentos humanos. Contudo, pode-se considerar como característica comum a todo grupo social a imposição de limites, normas e regras de convivialidade.

Democracia. Nas sociedades democratas, por exemplo, o limite pessoal é representado pela máxima: *o direito do indivíduo termina onde começa o direito do outro*.

Liberdade. Ao viver em sociedade, a conscin é coibida de buscar satisfazer incondicionalmente todas as vontades e desejos pessoais. Por exemplo, nas sociedades consideradas civilizadas, quando o indivíduo tem interesse sexual por outro e tenta forçar o contato dessa natureza, tende a ser punido de acordo com as regras sociais vigentes.

Exclusão. De modo geral, quando o *cidadão comum* faz algo fora dos padrões de conduta da sociedade, passa por algum tipo de retaliação, por exemplo sendo afastado do grupo social ou mesmo pelo cerceamento da liberdade pessoal culminando com o encarceramento.

Isonomia. As leis regulam as relações sociais e refreiam atitudes dos componentes da sociedade que firam o direito alheio. Elas se valem do princípio da isonomia, no qual todos os cidadãos são iguais perante a lei, não devendo ser feita nenhuma distinção de qualquer natureza.

Média. Pelos estudos da *Paradireitologia*, o grau de cosmoética das normas da sociedade, sejam elas expressas pelo direito positivo ou baseadas em costumes, tradições e convenções, é equivalente ao nível médio de cosmoética dos componentes da mesma Socin. Tendo em vista a postura pessoal perante as leis, as conscins podem ser divididas em 4 classes sociais distintas:

1. **Infratores:** desobedecem às leis a ponto de serem excluídos e isolados da sociedade. Para este grupo, a *exclusão social* funciona como economia de males. Tal alternativa é positiva para a conscin e para os demais componentes da sociedade, pois a restrição da manifestação previne a ocorrência de mal maior para todos.

2. **Submissos:** são obedientes, apresentam conduta pessoal média em consonância com as normas vigentes, contudo a motivação pessoal se deve principalmente ao temor a algum tipo de retaliação ou punição social. Para este grupo, a vida em sociedade atua como fator educador e limitador da manifestação dos autotrafares e da instintividade.

3. **Éticos:** agem de acordo com a ética humana, movidos pela responsabilidade pessoal perante as normas sociais, independente de qualquer poder coercitivo. Para estes, a vida em sociedade também atua como fator educador e limitador da manifestação dos autotrafares e da instintividade.

4. **Cosmoéticos:** os elementos deste grupo já procuram vivenciar e desenvolver o *código pessoal de Cosmoética* podendo inclusive atuar nas injunções críticas ao modo de objetores de consciência. Para essas conscins, além do fator educativo, a vida em sociedade já representa grande oportunidade para a autovivência da interassistencialidade cosmoética.

Educativa. Sob a ótica da *Holorressomática*, além da função educativa em si, as organizações sociais exibem importante função reeducativa e de ressocialização, sobretudo para as milhões de consréus ressomadas no planeta (VIEIRA, 2003).

Isenção. Apesar do princípio da isonomia ter surgido na democracia ateniense há 25 séculos, ainda hoje, mesmo em regimes democratas, conscins autocratas e influentes usufruem o *privilégio* de estarem parcial ou totalmente isentas das obrigações da maioria dos componentes da sociedade da qual fazem parte.

Divindade. Exemplo extremo de tal distorção era fundamentado na *teoria do direito divino dos reis*, considerando os monarcas do passado, representantes de Deus na Terra. Havendo ainda em outras sociedades, soberanos considerados semideuses ou mesmo deuses corporificados.

Absoluto. A partir dessas premissas irracionais, o poder do soberano era absoluto, detendo inclusive o poder de vida e de morte sobre todos os súditos. As leis não se aplicavam à pessoa do soberano, pois sua vontade era a própria lei.

Atualidade. Mesmo com toda a difusão de conhecimento, proporcionada pelos meios de comunicação deste início do Século XXI, ditadores e mesmo representantes de regimes ditos democratas ainda decidem sobre a vida e a morte de milhares de seres humanos (*concidadãos*), confortavelmente, a partir de seus luxuosos gabinetes.

Etiologia. Tendo em vista a *Evoluciologia*, o poder das conscins autocratas atua contra elas próprias, pois ao não ter limites, ao modo de qualquer outro cidadão comum da Socin, tende cada vez mais a cronicificar no temperamento os traços relacionados ao autoritarismo, inevitavelmente intensificando os sintomas de possível *síndrome do ostracismo* futura, depois da perda do poder.

EFEITOS PARAPATOLÓGICOS DO PODER

Onipotência. A falta de limites sociais e o poder de decisão sobre o destino da vida dos indivíduos e da coletividade geram a falsa sensação de onipotência e de independência perante as pessoas.

Regressismo. A conscin adulta, ao manifestar o egoísmo paroxístico do porão consciencial regride consciencialmente ao período inicial da infância, no qual a criança não tem necessidade de se privar ou adiar qualquer prazer, não sofre cobranças e imposições e tem as necessidades e exigências instintivas imediatamente satisfeitas (CAMPBELL, 1986, p. 44).

Comparação. Levando-se em conta a *Bamburriologia*, a conscin despreparada, sem maturidade consciencial suficiente para vivenciar o poder humano, pode ser comparada àquela que ao receber grande fortuna, patrocinada por assediadores, tendo os prejuízos evolutivos da aceleração patológica da história pessoal.

Aceleração. O acesso a dinheiro, locais e pessoas, proporcionados pelo poder, faz a conscin entrar em contato com uma realidade muito mais complexa e multifacetada do que a vivenciada anteriormente, o que pode ser entendido como uma aceleração da história pessoal.

Saldo. Todavia, o saldo é negativo na ficha evolutiva pessoal (FEP) quando, nessa intensificação dos contatos interconscienciais a conscin entra no desviacionismo e na interprisão grupocármica (VIEIRA, 2007, p. 88).

Fatores. Dois fatores devem ser considerados ao dimensionar a extensão do possível comprometimento grupocármico no exercício do poder:

1. **Quantidade.** Número de consciências influenciadas, direta e indiretamente, pelas ações e decisões da conscin poderosa.

2. **Qualidade.** A natureza do poder pessoal, avaliada pela abrangência da influência das decisões e ações da conscin poderosa nas áreas de atuação e pormenores da vida alheia.

Mudança. Pelos princípios da *Parapatologia*, além do débito para com outras consciências, o insucesso evolutivo no poder altera para pior a própria personalidade da conscin ao fixar o holopense pessoal nos autotrafes.

Estímulos. Tendo em vista a *Conviviologia*, ao ocupar posição de poder, toda conscin recebe constantes estímulos reforçadores da condição pessoal de superioridade, ao modo das atitudes subservientes, reverências e satisfação das vontades pessoais pelas outras conscins.

Deturpação. Com a repetição dessas experiências a pessoa constrói auto-imagem deturpada, passando a considerar que o poder pessoal emana da própria personalidade, e não da função exercida ou do contexto no qual se encontra.

Cristalização. Depois de vários anos ou de longos períodos da seriéxis, incluindo as experiências na Baratrofera, ocorre a cristalização do autoconceito de superioridade pessoal. Também são fixados outros traços característicos dessas consciências, por exemplo: autocracia, altivez, soberba e orgulho.

Privilégio. Tais conscins também se acham detentoras inatas de direitos especiais, privilégios e prerrogativas. Vêm intimamente as demais pessoas como instrumentos para satisfação das vontades pessoais.

Hedonismo. Pela *Experimentologia*, outro fator nocivo às personalidades detentoras do poder temporal é a vida de excessos de prazeres humanos, o que forja na consciência o temperamento hedonista e desenvolve tendências a drogas, transtornos sexuais e vícios em geral.

Crítica. Pela *Holocarmologia*, a vida com poder intrafísico pode ser considerada experiência supercrítica. Quanto maior a abrangência das ações pessoais, maior é a repercussão para a própria conscin.

Retorno. Nenhum princípio consciencial, nem mesmo a conscin com o maior poder humano, está à margem da *lei do retorno*. A *lei de causa e efeito* é princípio funcional do universo.

Abuso. Ao abusar do poder, a conscin receberá nesta ou em outra vida humana o retorno das atitudes e dos atos anticosmoéticos perpetrados, tornando-se alvo das vítimas do passado. A pressão holopensênica dos heteroassédios intra e extrafísicos sobre a conscin pode fazê-la perder a conexão com a realidade e o próprio equilíbrio mental, enlouquecendo-a.

Parapatologia. Sob a ótica da *Parapatologia*, pode-se tomar como *hipótese* plausível a condição de diversas patologias humanas, ao modo de esquizofrenias, transtornos de personalidades e fobias, apresentarem raízes paragenéticas e representarem a reação dos atos pretéritos anticosmoéticos da consciência sobre si mesma.

O AUTODISCERNIMENTO E A AUTOVIVÊNCIA DA INTERASSISTENCIALIDADE SÃO CAPAZES DE LEVAR A CONSCIÊNCIA A ENTRAR NO CICLO VIRTUOSO DA LEI DE CAUSAÇÃO COSMOÉTICA.

ELEMENTOS PARA O DIAGNÓSTICO

Complexo. Nem toda conscin portadora da *SO* paragenética apresenta temperamento autocrata. Contudo pelo fato de a parapatologia envolver de algum modo as relações com o poder temporal, estima-se que a comorbidade possa ser facilmente encontrada nas conscins sindromáticas.

Descontextualização. Quando apresenta a *SO* paragenética, a personalidade autocrata ainda sente-se superior e detentora de direitos personalíssimos. Age com autoritarismo com os demais, contudo, de modo ainda mais descontextualizado, pois agora não detém cargo ou posição de grande poder, não é reverenciado ou reconhecido publicamente, sendo apenas um rosto a mais na multidão.

Sintomatologia. Desse modo, na avaliação diagnóstica da sintomatologia da *síndrome do ostracismo* paragenética da personalidade autocrata, existem pelo menos dois momentos a serem considerados:

1. **Durante o poder:** os traços-fardo remanescentes de autoritarismo e autocracia provenientes de existências progressas, desenvolvidos ou fortalecidos durante o exercício do poder intrafísico ou da vida humana de fama e notoriedade.

2. **Após a perda do poder:** os traços-fardo decorrentes das reações emocionais em relação à perda do poder, devido ao reconhecimento, mesmo inconsciente, da perda e da mediocridade da pessoa na atual existência.

Diagnose. Tendo em vista a *Parasemiologia*, eis 12 características para o diagnóstico das conscins de temperamento autocrata, expostas em ordem alfabética:

Tabela 1. Características para diagnóstico do temperamento autocrata

Nº	Traço	Descrição
01.	Arrogância	Apresenta atitude prepotente ou de desprezo com relação às outras conscins, demonstrando orgulho ostensivo e altivez
02.	Autopseudossuperioridade	Acredita ser moral, social, intelectual ou comportamentalmente superior aos demais
03.	Competitividade	Apresenta intensa competitividade nas inter-relações humanas, sobretudo com pessoas de nível sócio-cultural similar
04.	Heterodomínio	Visa controlar e dominar pessoas e situações
05.	Imposição	Procura impor a vontade pessoal, seja pela força, argumento ou manipulação
06.	Intolerância	Exibe intolerância e impaciência com erros, dificuldades e deficiências alheias
07.	Ironia	Denota uso habitual de ironia e sarcasmo, com o intuito de denegrir a imagem de outras conscins
08.	Liderança	Tendência a buscar posições de liderança, apresentando dificuldades de relacionamento quando se encontra na posição de liderado
09.	Parêntese patológico	Principalmente quando contrariada, apresenta episódios de irritação, agressividade verbal e autodescontrole emocional
10.	Platéia	Procura situações onde fique em evidência, sob os holofotes
11.	Reflexo	Tende a apresentar exagerada indignação quanto observa pessoas ou grupos que detenham algum privilégio ou poder (reflete o desejo pessoal pelo poder)
12.	Submissão	Tende a manifestar o <i>binômio submissão-autocracia</i> . Diante de conscins com reconhecida superioridade hierárquica tende a agir com submissão e diante das demais com autocracia (SUETÔNIO, 2005)

Expressões. Quando o traçar da personalidade é crônico, ele se torna inescandível. Por exemplo, a conscin com autocracia crônica paragenética, por vezes até nas relações interconscinciais mais triviais, exibe, inconscientemente, expressões faciais caricatas, típicas de orgulho, vaidade, jactância e altivez.

Diagnose. Ainda tendo em vista a *Parassemiologia*, após a perda do poder, as conscins com *SO* paragenética podem apresentar 5 sinais e sintomas típicos, descritos a seguir, na ordem funcional:

Tabela 2. Sinais e sintomas típicos das conscins portadoras da *SO* paragenética

Nº	Traço	Descrição
1.	Reconhecimento	Exibe grande necessidade e carência de reconhecimento público.
2.	Amargura	Apresenta estado afetivo amargurado, lastimando, mesmo inconscientemente, à falta do reconhecimento público e à perda do poder.
3.	Hipersuscetibilidade	Alta disposição para se ofender, melindrar e ressentir, principalmente quando criticada (enissofobia).
4.	Esquivamento	Apresenta comportamento esquivo e evitativo em ocasiões desencadeadoras de contato com a própria realidade intraconscencial.
5.	Insociabilidade	Desenvolvimento de aversão ao contato social, podendo chegar, nos casos mais graves à sociofobia.

Permanência. A consciência não muda o temperamento pessoal apenas porque dessemou ou voltou à intrafisicalidade. A *síndrome do ostracismo* paragenética incidente nas personalidades autocratas demonstra esse fato, quando a conscin assume novo soma e novo contexto existencial, mas mesmo sem o poder de outrora, apresenta o mesmo temperamento e tendências da vida humana de poder ou fama do passado.

Fixação. Entre os aspectos mais sérios da parapatologia, está justamente essa fixação patológica da conscin na personalidade do passado, vivendo a vida humana atual ao modo de *antepassado de si mesmo* (VIEIRA, 2007).

Comorbidade. Tendo em vista o diagnóstico assistencial, além de avaliar em separado as características de autocracia e da *SO*, não se deve deixar de levar em conta os efeitos da *comorbidade*, pois os dois fatores em conjunto podem agravar e complexificar a sintomatologia da conscin. Eis 3 exemplos, na ordem alfabética do tema:

1. **Esquiva.** Evitação de diferentes contextos e situações sociais que coloquem em dúvida a pretensa condição de superioridade pessoal, por exemplo ao ser convidado a executar serviços considerados por si inferiores, ao modo das atividades operacionais ou braçais.

2. **Reconhecimento.** Agravamento do conflito íntimo do autocrata devido à auto-imagem idealizada de ser superior somado à falta de reconhecimento público, próprio da condição do ostracismo.

3. **Shadenfreude.** Em casos mais graves, o aprofundamento da amargura com a competitividade, levando à satisfação malévola com o mau desempenho ou com a desdita alheia (perversidade).

Dificultador. Quando a etiologia da *SO* é paragenética, a consciência não necessariamente precisará ter tido poder humano evidente na vida humana atual, sendo esse fator dificultador para o autodiagnóstico.

Heteroavaliação. Outro fator dificultador para a conscin admitir o autodiagnóstico, que deve ser levado em consideração, é a tendência dessas mesmas personalidades esforçarem-se para defender a auto-imagem de superioridade, somado o fato de a síndrome se tratar de conjunto de traços-fardo, em geral, mal avaliados socialmente (arrogância, por exemplo).

Reações. A depender da abordagem da conscin autopesquisadora, o autodiagnóstico como portador ou portadora da *SO* pode gerar pelo menos duas reações emocionais, por vezes simultâneas e antagônicas:

1. **Choque.** Choque de realidade devido à identificação concomitante de diversos traços-fardo da personalidade pessoal, os quais precisam ser reciclados.

2. **Conexão.** Satisfação devido à identificação da conexão e da etiologia de diversos traços-fardo da personalidade pessoal, muitos deles, por vezes, já conhecidos e pesquisados isoladamente.

AUTOCURA

Consciencioterapia. De acordo com os preceitos da *Consciencioterapia*, o autodiagnóstico é apenas o segundo momento do *polinômio auto-investigação–autodiagnóstico–auto-enfrentamento–auto-superação*. Após esta etapa, a conscin ainda terá à frente outros passos também importantes e desafiadores para chegar à remissão definitiva da parapatologia.

Energia. A condição ideal é a reaplicação da energia gerada pelo autoconhecimento nas novas recins, na mudança da manifestação pessoal, entrando em novo ciclo de renovações, agora em nível maior de homeostase holossomática.

Valores. A autocura desta variante da *síndrome do ostracismo* ocorrerá somente com a reciclagem intraconsciencial e conseqüente mudança real dos valores mais íntimos da conscin, resultando na abdicação definitiva do *poder temporal*, com o redirecionamento do ponteiro consciencial pessoal para a interassistencialidade e para o domínio das energias.

CONCLUSÃO

Diagnóstico. Para o diagnóstico da *SO* paragenética na personalidade autocrata, é necessário encontrar sinais e sintomas da síndrome ocorrendo juntamente com a sintomatologia da autocracia.

Poder. A conscin não necessita ter experienciado poder humano nesta vida humana para ser diagnosticada com a *SO*, considerando que a etiologia pode ser paragenética.

Elementos. Tendo em vista que esta pesquisa se baseou em estudo biográfico, auto e heteroconsciencimetria, este autor considera que os elementos para o diagnóstico apresentados ainda precisam ser testados, de modo mais controlado, por exemplo a partir do *set* consciencioterápico, em maior número de conscins de sexo, idades, ocupações e culturas distintas.

Gravidade. Outra vertente do estudo ainda requerendo aprofundamento é a avaliação do nível de gravidade de cada sinal ou sintoma e as situações específicas nas quais os mesmos se manifestam.

Autocura. A autocura dessa variante da *SO* tem início pela autoconscientização gerada pelo autodiagnóstico, a começar pela identificação da persistente automotivação subcerebral da conscin sindromática de busca por poder, fama ou reconhecimento público, até a admissão de estar manifestando a sintomatologia da síndrome e da autocracia, seja com o auxílio de terceiros ou não.

A AUTOCURA DA SÍNDROME DO OSTRACISMO PARAGENÉTICA DA CONSCIN AUTOCRATA SOMENTE OCORRE QUANDO SE ABRE MÃO EM DEFINITIVO DA BUSCA PELO PODER HUMANO.

REFERÊNCIAS

1. **Campbell**, Robert J.; *Dicionário de Psiquiatria*; 644 p.; glos. 8.560 termos; 24 x 17 cm; br.; *Martins Fontes*; São Paulo, SP; 1986; páginas 44, 45, 201 e 260.
2. **Morris**, Desmond; *O Macaco Nu*; trad. Hermano Neves; 246 p.; 17,5 x 10,5 cm; br.; *Edibolso*; São Paulo, SP; 1975; páginas 29, 140, 151, 164 e 165.
3. **Suetônio**, Caio; *A Vida dos Doze Césares*; trad. Pietro Nasseti; 438 p.; 18,5 x 11,5 cm; br.; *Martin Claret*; São Paulo, SP; 2005.
4. **Vieira**, Waldo; *Enciclopédia da Conscienciologia*; revisores: Equipe de Revisores do Holociclo – CEAEC; 2 Vols.; 2.494 p.; 80 abrevs.; 1 biografia; 720 contrapontos; cronologias; 35 *E-mails*; 16 endereços; 2.892 enus.; estatísticas; 6 filmografias; 1 foto; 720 frases enfáticas; 5 índices; 1.722 neologismos; 1750 perguntas; 720 remissologias; 16 siglas; 50 tabs.; 135 técnicas; 16 *websites*; 603 refs.; 1 apênd.; alf.; estrang.; geo.; ono.; tab.; 28 x 21 x 12 cm; enc.; 3ª Ed. Protótipo – rev. e aum.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2007; páginas 88, 245, 1.962 a 1.965.
5. **Idem**; *Homo sapiens reurbanisatus*; 1.584 p.; 479 caps.; 40 ilus.; 4 índices; 413 estrangeirismos; 25 tabs; 597 enu.; 7.653 refs.; glos. 241 termos; 139 abrev.; geo.; ono.; alf.; 28,5 x 21,5 cm; enc.; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Consciência* (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2003.

